

Através do vidro: Novos olhares sobre as representações eróticas pré-colombianas

Corpos de barro, mas também de madeira, osso e pedra, que nos mostram encontros sexuais diversos, corpos nus e membros exagerados, de um passado pré-colombiano que mal começamos a entender. No Museu Larco, de Lima, Peru, há uma galeria inteiramente dedicada às representações sexuais do antigo Peru. Que emoções, pensamentos ou sensações são disparados quando observamos essas representações gráficas da sexualidade humana? Elas nos intrigam, seduzem ou confrontam com nossos próprios desejos e preconceitos?

Apesar da facilidade com que conteúdos sexuais podem ser consumidos hoje, eles ainda estão cercados de tabu e, no mundo moderno ocidental, são altamente coisificados e estereotipados. No entanto, ao longo da história, em todas as culturas e sociedades a interação sexual se expressou de várias maneiras. A arte sempre foi o meio mais versátil de comunicação e transmissão de ideias, conteúdos e vivências. No mundo andino, privilegiou-se a representação escultórica, especialmente em cerâmica: a sexualidade humana, o corpo e o desejo adquiriram forma em objetos que foram usados em festividades e cerimônias, e que estiveram presentes em espaços públicos e privados.

Se nos aproximamos deles hoje somente através de vitrines, como objetos de museu, parecem pertencer a um passado remoto e inacessível. Contudo, esses corpos não perderam a vivacidade, e ainda podem ser provocativos e, de certo modo, desconcertantes. Por meio de novos en-

foques, que privilegiam abordagens etnográficas, antropológicas e decoloniais, os chamados *huacos eróticos* começaram a ser interpretados a partir de perspectivas diferentes, nas quais eles não são vasilhas inertes ou meras fotografias do passado; pelo contrário, são seres ativos, que ainda hoje podem nos dizer algo. Essas cerâmicas nos permitem imaginar e explorar o sexo de uma forma completamente distinta da forma de entender o sexo em nossa cultura e em nosso tempo (Weismantel, 2021).

Aos olhos modernos, é difícil imaginar para que foram feitas essas representações explícitas de sexo. Do nosso ponto de vista, trata-se de uma arte que não esconde nada, nem se limita ao que entendemos como reprodução. Historicamente, essas representações foram silenciadas, negadas e, em muitos casos, quebradas ou subtraídas. Foram reduzidas a expressões obscenas e exemplos da imoralidade de nossos povos “primitivos”. Está bem documentado que, durante a primeira metade do século XX, muitos objetos foram mutilados ou até completamente destruídos, especialmente os *huacos* “obscenos”. Publicações de Tello e Valdizán confirmam indiretamente essa prática quando mencionam as frequentes representações de “bestialidade” em algumas coleções (Woloszyn & Piwowski, 2015).

Para entendê-los, é preciso olhar esses corpos como se fossem espelhos que nos refletem e ao mesmo tempo nos confrontam, distantes da perturbação que podem nos causar. A forma de conceber nossa própria corporalidade e sexualidade é bastante influenciada por nossa cultura e moral, que deriva diretamente

da moral judaico-cristã. Esses dogmas determinam que o corpo e sua nudez devem ser ocultados; consideram que a “carne” do corpo se contrapõe ao espírito e, portanto, ao divino. Proponho aqui nos aproximarmos das representações sexuais do mundo pré-colombiano pondo esses preconceitos de lado e procurando fazer com que a descoberta desses objetos arqueológicos seja um agente simultâneo, que conecte o passado e o presente.

Os *huacos* eróticos: Nenhum *huaco* é uma ilha

Que sentido essas peças tiveram para as culturas originárias? São representações de sua vida sexual ou, por acaso, relacionam-se com algo maior e mais profundo? É possível acessar esse conhecimento hoje, apesar da distância temporal?

Quando nos referimos ao contexto arqueológico, falamos da maneira como as peças integram um evento ou um momento histórico – das circunstâncias em que foram depositadas e de como as encontramos. A realidade é que a maioria dos objetos pré-hispânicos que conhecemos hoje foram extraídos numa época de saque dos grandes complexos arqueológicos, especialmente na costa norte do Peru, muito antes que começassem as grandes missões científicas arqueológicas. As peças que hoje estão em museus do mundo todo, incluindo os *huacos* eróticos, provêm quase que totalmente do saque sistemático. Durante décadas, grandes coleções foram vendidas a ávidos colecionadores e a museus de toda parte.

Os *huacos* eróticos se tornaram uma curiosidade dentro dos museus, uma excentricidade que provocava risos nervosos ou olhares escandalizados. Mas nem sempre foi isso o que aconteceu.

No Museu Larco, desde sua fundação, sempre houve uma Sala Erótica. Na entrada, os visitantes são recebidos pela maquete

de uma tumba, em que se mostra um corpo em posição estendida, rodeado de oferendas diversas. Em pequenos nichos nas paredes em volta da tumba, finas peças de cerâmica acompanham o conjunto. Junto a garrafas de linha fina, *huacos retrato*, instrumentos musicais e outras representações do variado imaginário mochica, está uma peça que representa a união sexual anal entre um homem e uma mulher enquanto ela amamenta um recém-nascido, imagem que a nossos olhos poderia ser chocante.

Rafael Larco, fundador do museu, sempre mostrou ávida curiosidade por entender as sociedades pré-hispânicas em toda a sua complexidade. O colecionador logo se transformou num investigador que conduziu importantes missões científicas de escavação arqueológica. A tumba antes descrita foi encontrada numa dessas missões arqueológicas. Larco compreendeu que a peça mencionada era parte do enxoval funerário. Vista em seu contexto, integra um entendimento do mundo que ultrapassa o caráter sexual manifesto da imagem. É parte de um *corpus* maior, inserido numa narrativa do mundo que não separa a vida sexual das demais atividades vitais da comunidade. Larco Hoyle explorou esses sentidos e conexões em sua obra *Checan* (1965), dedicada às representações sexuais pré-colombianas, diferentemente de outros contemporâneos, que viram nessas peças representações de bestialidade.

Mais recentemente, no livro *Playing with*



Detalhe da tumba excavada por Rafael Larco Hoyle. Arquivo Museo Larco, Lima.

* Curadora e chefe de administração de coleções, Museu Larco, Lima.



Peça da tumba excavada por Rafael Larco Hoyle. ML004247. Museo Larco, Lima.

things (2021), Mary Weismantel abordou os *huacos* eróticos de forma didática e vigorosa, aprofundando essa visão. Sem dúvida, estamos diante de uma compreensão da sexualidade e do erotismo vinculada a um entendimento integral do mundo e das forças vitais que o animam.

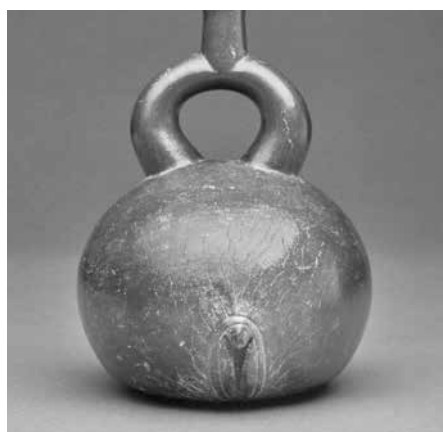
O ato sexual não pode ser separado de outros atos: ter filhos, brincar, brindar com as divindades, honrar os mortos. [...] A cerâmica nos mostra uma forma diferente de habitar nosso corpo, não como indivíduos isolados, mas como seres sociais que mantêm relações e interações dentro de um tecido social animado e difuso. (p. 4)

Um elemento fundamental a ter em mente quando nos situamos no contexto dessas sociedades é que foram sociedades agrícolas e eminentemente hidráulicas. A vida dependia de um delicado equilíbrio entre os mundos, e para isso era imprescindível o bom funcionamento dos ciclos naturais. No centro da cosmovisão andina, encontramos a noção da existência de dois mundos: um mundo exterior e visível, o Hanan Pacha, em que moram os astros e de onde provêm as forças da natureza (chuva, raios, neve, vento), e um mundo interior e invisível, o Uku Pacha, a partir de onde a vida germina e onde moram os mortos (a terra, as cavernas, o interior das lagoas

ou do mar). A vida existe nesta terra graças à interação permanente dessas forças opostas e ao mesmo tempo complementares. A noite dá lugar ao dia. A terra recebe a água, que a fertiliza. Essas uniões procriadoras asseguram a continuidade da vida neste mundo, no Kay Pacha, um espaço de encontro.

No mundo andino, o corpo humano era o modelo essencial para compreender o mundo externo, incluindo-se aí a paisagem natural e a estrutura do universo. Essas noções abrangem o conceito de dualidade, baseado na morfologia corporal. Nosso corpo pode ser entendido em metades e como entidade dual: acima/abaixo, esquerda/direita, externo/interno. *Yanantin* é um conceito quíchua que exprime as forças opostas mas complementares que permitem a existência. Nosso corpo, como organismo, é um *yanantin*, entendido como uma dualidade dinâmica, não estática.

O corpo como um todo representa uma



Yanantin: Dualidade complementar. ML004202 e ML004204. Museo Larco, Lima.

metáfora do mundo natural. A cabeça é parte essencial do corpo e morada da alma. As funções e a morfologia corporal são elementos para compreender o mundo natural. As palavras que designam certas partes do corpo são as mesmas que designam os acidentes naturais e permitem entender o território habitado (Lozada, 2019).

Esses conceitos e essa forma de compreender o mundo seguem vigentes nos Andes até hoje. Ainda que sincretizados, é possível identificar esta ontologia: o mundo entendido como um organismo vivo que abarca diferentes tipos de seres – humanos e não humanos.

O fluxo vital

Quando adquirimos consciência de que todos os seres estão interconectados, fica mais fácil entender essas representações. Cada um desses corpos de barro são vasilhas feitas para conter algo. Não são esculturas ocas nem adornos. São corpos que contêm líquidos. Garrafas, tigelas, copos.

Em sociedades agrícolas que dependiam inteiramente do bom funcionamento dos ciclos naturais, a água era um elemento fundamental, com funções vitais que iam além do concreto. Ao longo da história, a água sempre foi protagonista, não só da vida real, mas também da mitologia e das lendas. Os líquidos, em geral, representam vida. Todas as grandes civilizações da humanidade se desenvolveram no entorno de rios, margens e fontes de água. Sua chegada era um acontecimento celebrado com rituais, festas e cerimônias que podiam durar dias ou semanas, e para os quais havia preparativos o ano todo.

Pensemos na chegada da água ao Nilo no Egito; nas margens dos rios Tigre e Eufrates, que foram o berço das grandes civilizações mesopotâmicas; na importância vital do rio Ganges na Índia até os dias de hoje; e na in-

fluência dos rios Amarelo e Azul na China.

A ideia de que a água é sagrada e viva é uma verdade universal, comum a todos os seres humanos. Em um mundo no qual se diz que as guerras do futuro acontecerão pelo controle e posse da água, talvez convenha voltar os olhos para essa sabedoria ancestral que pusemos de lado.

As culturas e religiões da América pré-colombiana compartilham uma ontologia circulatória: o movimento da água através do mundo é um princípio de vida fundamental (Weismantel, 2021). Num sentido mais profundo, é isto que os *huacos* eróticos representam: um entendimento do mundo no qual o sexo é parte ativa dessa ontologia circulatória.

Essas garrafas, tigelas e copos não têm a ver apenas com sexo nem apenas com água: essencialmente, têm a ver com o movimento dos líquidos através deles e através de seus encontros. A entrada e saída de líquidos é importante, mas sobretudo o fluxo dos líquidos no interior desses corpos – o modo como atravessam as apuradas formas escultóricas, a maneira como se conectam e os sentidos produzidos por meio desse movimento.

Em essência, essas representações de corpos, órgãos sexuais e encontros são rituais de renovação e reprodução. Esses seres que mantêm relações sexuais evocam o fluxo e intercâmbio de líquidos entre corpos que se encontram e se conectam. São canais pelos quais se invocava a renovação da vida, a abundância e a potência criadora e fertilizadora de todos os seres. Mediante esses rituais se ofereciam líquidos e se esperava que, em retribuição, os deuses e seres que animavam a vida nos dessem líquidos que possibilitassem a continuidade da existência.

Nessa lógica, todos os líquidos cumprem essa função: chicha, sangue, leite, sêmen...

Um dado interessante a considerar é que só uma porcentagem ridiculamente pequena de peças eróticas mostra cenas de penetração vaginal. Na maioria delas, o que ve-

mos são cenas em que o pênis ereto está em ação de penetrar. São numerosas as cenas de união sexual anal, masturbação e felação, mas especialmente as de união sexual anal.

Durante muito tempo, houve curiosida-



Cena tradicionalmente catalogada como "união sexual reprodutiva". O detalhe da peça, no entanto, não mostra penetração. ML004214. Museo Larco, Lima.

de em entender o motivo da preponderância dessas representações que aparentemente não levam a nenhum tipo de fecundação. Em alguns casos, foram interpretadas apenas como meios de controle da natalidade. Em outros, apenas como cenas propiciatórias.

Para compreender essa aparente discrepância, Weismantel (2021) apresenta outras interpretações da reprodução. A visão ocidental moderna concebe a reprodução como um ato sexual único de coito vaginal, que envolve apenas dois participantes. Uma visão alternativa considera a reprodução por meio de uma rede de relações que envolve pessoas e não pessoas, e na qual a sociedade como um todo está envolvida. Weismantel usa material etnográfico de sociedades amazônicas e mela-

nésias para interpretar de forma alternativa as peças mochicas.

Voltemos um momento à cena da peça encontrada por Rafael Larco: uma relação sexual anal que acontece ao mesmo tempo em que a mulher amamenta um recém-nascido. As ideias contemporâneas de maternidade exigem que a mulher como ser sexual e a mulher como mãe permaneçam completamente separadas. No entanto, em sociedades como a mochica, é provável que essa narrativa visual expresse mais uma ideia do que um ato concreto: a transmissão de substâncias vitais entre dois adultos que depois se traduz na transmissão de outra substância vital ao recém-nascido (Weismantel, 2021). Estaríamos falando, portanto, de uma transmissão de fluxo vital, da entrada e saída dos líquidos, e do vínculo que une esses seres e que os conecta a algo maior que eles mesmos, pois o que se alimenta é o crescimento da comunidade.

De algum modo, o que se recria é o intercâmbio de fluidos que acontece na natureza. No mundo andino, entende-se que todos os seres compartilham uma mesma essência. Os seres geofísicos, como as montanhas, os rios, as lagoas e o mar, assim como os astros celestes, a natureza em sua totalidade, são seres vivos, com consciência.

No mundo andino, as cerimônias mais



Cena de masturbação e cena de sexo anal com coito e amamentação.. ML004443 e ML004213. Museo Larco, Lima.

importantes se relacionavam com a fertilidade, o sacrifício e o culto aos mortos. Em todas elas, o oferecimento e intercâmbio de fluidos era central. A morte era vista como parte da vida. Na tradição andina, vida e morte integram o mesmo ciclo. Dentro dessa ontologia circulatória, a morte é um passo necessário para assegurar o renascimento e a renovação. Nessa lógica, os rituais propiciatórios de vida são igualmente importantes, dicotômicos mas totalmente complementares, pois em todos se representa o fluxo sagrado que anima a existência (Artzi, 2020).

Sexo e ritual

Então, o sexo no antigo Peru estava ritualizado? A resposta curta é não.

É importante ficar claro que essas não são cenas da vida cotidiana, nem imagens que mostram como era a vida sexual no antigo Peru. Elas faziam parte de um complexo sistema de crenças. O mundo andino era um mundo altamente ritualizado, dominado por uma ideologia religiosa que transcende tempo e espaço, e que ainda pode ser rastreada em práticas contemporâneas já sincretizadas. Ideologia, poder político, religião, produção agrícola e controle social estavam estreitamente vinculados e exerciam grande influência mútua. Não é possível separá-los nem entendê-los de maneira independente.

É dentro dessa lógica que se inserem, por exemplo, as representações cadavéricas de seres potentes e ativos que se masturbam ou que são estimulados sexualmente. São os ancestrais que, desde o mundo inferior, continuam animando a vida. São seres ativos sexualmente, que participam de maneira ativa na propiciação da fertilidade. É preciso considerar a importância do culto aos mortos e da concepção de morte no antigo Peru.

Eram cenas produzidas e controladas dentro de contextos rituais bem definidos, que tinham uma finalidade concreta: reproduzir

repetidamente os encontros e fluxos necessários para garantir que o ciclo da vida se mantivesse ativo e que as forças que propiciam a vida continuassem em equilíbrio.

Todavia, as representações dos *huacos*



Ancestral mochica exibindo sua potência fertilizadora. ML004199. Museo Larco, Lima

eróticos deixam claro que o conhecimento anatômico do corpo humano e dos órgãos genitais era muito avançado e nitidamente muito superior ao do europeu médio do século XVI. Além disso, a multiplicidade de práticas sexuais que nos mostram é diversa e heterogênea.

É importante compreender que o que vemos representado não era *todo* o conhecimento sexual que esses povos tinham. Era talvez só a ponta do *icerberg*.

Por serem sociedades que não estavam constrangidas nem limitadas por uma moral como a cristã, que condena o autoconhecimento, o prazer e a exploração do desejo, é mais que provável que vivessem sua sexualidade de forma bem mais livre e talvez bem mais plena que muitos de nós hoje em dia. Nas palavras de Larco Hoyle (1965) ao concluir sua obra, "ao pôr um ponto-final neste livro sobre um dos aspectos do panorama arqueológico do Peru de que só temos, como referência, os corpos eróticos, fica aberto ao leitor o vasto campo da sugestão" (p. 128).

No entanto, é necessário ressaltar que



View of the exhibition "Cinq": Histoires vraies 1988-2018, 2019" at Musée Grobet-Labadié, Marseille, 2019. Photographer: Kleinefenn 2019 © Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

propor uma compreensão do comportamento sexual do passado com base apenas em fontes arqueológicas é um erro, que pode levar a mal-entendidos ou a conclusões equivocadas.

Pessoalmente, acredito que não é possível empregar categorias do presente para definir comportamentos ou práticas sexuais do passado pré-colombiano. Este, porém, é um campo que segue em estudo e que tem muito a oferecer. Autoras como Mary Weismantel (2021) ou Bat-Ami Artzi (2020) estão reinterpretando nosso entendimento das relações de gênero e da sexualidade no Peru pré-colombiano, e ainda há muito para investigar e interpretar a respeito.

Referências

- Artzi, B.-A. (2020). Dando vida, tomando vida: género, sangre y fertilidad en el arte andino antiguo. Em M. Curatola Petrocchi, C. Michaud, J. Pillsbury & L. Trever (ed.), *El arte antes de la historia: para una historia del arte andino antiguo* (pp. 387-417). Fondo Editorial PUCP.
- Larco Hoyle, R. (1965). *Checan*. Nagel.
- Lozada, M. C. (2019). Indigenous anatomies: ontological dissections of the indigenous body. Em H. Tantaléan & M. C. Lozada (ed.), *Andean ontologies: new archaeological perspectives* (pp. 99-115). University Press of Florida.
- Weismantel, M. (2021). *Playing with things: engaging the Moche sex pots*. University of Texas Press.
- Woloszyn, J. & Piwowar, K. (2015). Sodomites, siamese twins, and scholars: same-sex relationships in Moche art. *American Anthropologist*, 117(2), 285-301

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte.

Calibán -
RLP, 21(1),
217-222
2023

Victor J. Krebs*

Peripécias de Eros na revolução digital

*E estas coisas
que vivem o fugaz,
compreendem que teces o seu louvor;
efêmeras,
adivinham salvadores em nós,
os mais efêmeros.
Que em nossos corações invisíveis
se cumpra a sua
metamorfose – infinitamente!*¹

Rainer Maria Rilke, *Elegias de Duíno*, “Nona elegia”

Prelúdio

1. Já não vivemos apenas no mundo empírico, mas também nesse mundo mais etéreo da infosfera, onde a ontologia é digital e a ordem do dia é a circulação de dados, a informação transparente e imediata. Sua temporalidade é o presente instantâneo, de modo que “não é possível deter-se na informação. Tem um intervalo de atualidade muito reduzido. Vive do estímulo da surpresa. Por sua fugacidade, desestabiliza a vida” (Han, 2021, p. 14). Sua volatilidade torna impossível a espera, que justamente é o que abre este espaço na psique onde as coisas amadurecem e se assentam em nós, tornando-se íntimas.

Na vertiginosa contingência de nossa vida digital, somos tomados por um anseio inesgo-

tável de mais informação e uma compulsão à extroversão, a ver e ser vistos. O que antes era privado e encoberto agora se oferece voluntária e às vezes avidamente como espetáculo ao olhar público. O pudor, que antes protegia o âmbito pessoal da exposição, desaparece na virtualidade, onde a intimidade se derrama sem escrúpulo nem filtro. Um frenesi coletivo, uma febre.

2. No ritmo do algoritmo a que somos submetidos pelo digital, o futuro se contrai num presente veloz, eficiente e otimizado. Sua instantaneidade fugaz desmonta a memória; não há nada para lembrar no interminável dilúvio de dados, que permanentemente nos propõe adiante no tempo, instante após instante. A quantidade excessiva e a rapidez da informação nos impedem de metabolizá-la. Apenas engolimos. “Nossa obsessão já não são as coisas, mas a informação e os dados. Agora produzimos e consumimos mais informação que coisas. Literalmente nos intoxicamos com a comunicação [...] nos tornamos todos infômanos” (Han, 2021, p. 14).

* Pontificia Universidad Católica del Perú.

1. N. do T.: tradução de D. F. Silva. A tradução da citação está em: Rilke, R. M. (2013). *Elegias de Duíno*. Globo. <https://amzn.to/3P4530y> (Trabalho original publicado em 1923). No original: “- Und diese, von Hingang/ lebenden Dinge verstehen, dass du sie rühmst; vergänglich,/ traun sie ein Rettendes uns, den Vergänglichsten, zu./ Wollen, wir sollen sie ganz im unsichtbarn Herzen verwandeln/ in - o unendlich - in uns!”